

**VIAGEM E FORMAÇÃO: NOTAS SOBRE O SELF
NO ROMANCE BRASILEIRO PÓS-1945, NUMA
LEITURA DE *O VENTRE E O ENCONTRO*
*MARCADO***

**TRAVEL AND *BILDUNG*: THE SELF IN THE POST-1945
BRAZILIAN NOVEL, IN READINGS OF *O VENTRE* AND
*TIME TO MEET***

**Pedro Dolabela Chagas¹
Luiz Guilherme de Oliveira²**

Resumo: O artigo discute a relação entre o deslocamento espacial e a formação do *self* nas trajetórias dos protagonistas de *O encontro marcado*, de Fernando Sabino, e *O ventre*, de Carlos Heitor Cony, tomados como representantes do *Bildungsroman* brasileiro dos anos 1950. Busca-se entender como aquela relação manifestava uma nova imagem do *self* no nosso romance, em personagens inadaptados aos seus meios de origem e impelidos a processos conflitivos de afirmação existencial. Analisa-se a viagem como tópica que dava fisicalidade a tais processos, dramatizando a busca de modos de acomodação na sociedade a serem descobertos na própria experiência do mundo. Para descrever aquela tópica, usa-se o conceito de “mapa” (KOCKELMAN, 2012) para analisar a influência de valores na construção de sujeitos e mundos sociais: especificamente, observa-se como a função existencial da viagem ecoava valores inicialmente formulados no primeiro romantismo. Para explicar porque esses valores adquiriram relevância no Brasil dos anos 1950 e assim evidenciar a importância que o *Bildungsroman* então assumiu em nossa literatura, argumenta-se que o gênero dava expressão a angústias de uma juventude presa na transição entre modelos de vida fundados na obediência a instituições tradicionais

¹ Departamento de Literatura e Linguística (DELLIN), Universidade Federal do Paraná (UFPR): <dolabelachagas@gmail.com>.

² Mestrando em Estudos Literários, Programa de Pós-graduação em Letras, UFPR: <lzg.oliveira@gmail.com>.

e a plena legitimação da construção dos próprios modos de vida, que seria estabelecida apenas em gerações posteriores. Ao final, faz-se uma breve digressão sobre a relação entre o *corpus* analisado e versões posteriores do *self* no romance brasileiro.

Palavras-chave: espaço literário; teoria do *self*; *Bildungsroman* brasileiro da década de 1950.

Abstract: The article debates the relations between spatial displacement and self-formation in the trajectories of the protagonists of Fernando Sabino's *Time to meet* and Carlos Heitor Cony's *O ventre*, taken as representatives of the 1950s' Brazilian *Bildungsroman*. It claims that that relationship revealed a new image of the self in the Brazilian novel, represented through socially misplaced characters driven to conflictive processes of existential affirmation. We observe how the topic of the travel gave physicality to those processes, as it allowed the writers to dramatize the search for ways of accommodation in the world that should be discovered through the experience of the world. We use Kockelman's (2012) concept of "map" to observe how values influence the construction of subjects and social worlds; more specifically, we identify how the existential function of the travel echoed values initially formulated in the early romantic period. To explain the relevance of those values in 1950s Brazil, and thereby the importance achieved by the *Bildungsroman* in the country's literature, we suggest that the genre gave expression to the anxieties of a youth trapped in the transition between models of life founded upon the obedience to traditional institutions, and the full legitimation of the personal construction of one's own modes of life, which would only take place in later generations. In the end, we digress briefly about the relationship between the works analyzed in the article and later versions of the self in the Brazilian novel.

Keywords: Literary Space; Theory of the Self; 1950s' Brazilian *Bildungsroman*.

O leitor de *O ventre*, de Carlos Heitor Cony, e de *O encontro marcado*, de Fernando Sabino, irá se lembrar da importância da viagem nas duas obras. Seus protagonistas seguiam o imperativo íntimo de se apartar dos lugares de origem, em direção a objetivos que se revelariam insuficientes para apaziguar a tensão que os impelira ao deslocamento. Num momento anterior do romance brasileiro, os enredos de *O Ateneu* e *Menino de engenho* se abriam com o deslocamento forçado, ainda que justificado, de protagonistas que deixavam seus lugares de origem em direção a ambientes estranhos e causadores de sofrimento; nos anos 1950, o protagonista optava pelo deslocamento, para que o *self* se revelasse nessa trajetória – era uma maneira diferente de fazer com que a trajetória espacial desse sentido à história do *self*.

Este artigo investiga como a função da viagem nas obras de Cony e Sabino dava manifestação a uma nova imagem do *self* no romance brasileiro, frequentemente desenvolvida em "romances de formação", subgênero tradicional no romance ocidental, mas até então incomum no Brasil. No *Bildungsroman* é comum que a formação do *self*, da juventude à vida adulta, seja dramatizada no deslocamento por um espaço físico

vivenciado como um lugar de experiências. Mas por que tal modelo de enredo ganhou importância no Brasil do segundo pós-guerra? Pelo menos até a década de 1970, Sabino, Cony, Lygia Fagundes Telles, Antônio Callado, Caio Fernando Abreu, João Guimarães Rosa, Osman Lins narrariam trajetórias de personagens cujos valores, crenças, comportamentos e representações mentais os tornavam inadaptados aos seus meios sociais de origem, inadaptação que os impeliria a longos processos de afirmação pessoal no trânsito pelo mundo. Esse trânsito podia acontecer no corpo da narrativa, como em *Grande sertão: veredas*, *Quarup* e *Avalovara*, ou ser anunciado como imperativo para a afirmação futura do *self*, como ao final de *Ciranda de pedra* e *Limite branco*; em ambos os casos, ele conferia sentido ao processo de formação. Por que, à diferença da Europa, apenas na década de 1950 o subgênero se fortaleceu no Brasil, incorporando temas e valores da primeira geração romântica?

O encontro marcado é de 1956, *O ventre* é de 1958. Ambos focalizavam momentos decisivos das vidas dos protagonistas, entre o fim da adolescência e o começo da vida adulta. A viagem tinha importância central, ecoando a *tópica* iniciada com o filho do rico comerciante que, em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, viajaria pela Alemanha com um grupo teatral em busca de autoconhecimento, encontrando pessoas e lugares que influenciariam sua formação. Desde o início, o *Bildungsroman* teve a viagem como *tópica* recorrente: ela dava fisicalidade à metáfora da afirmação do eu como uma “trajetória” iniciada no desgarre do lugar de origem, e demarcada pela angústia do personagem em busca de modos de acomodação no mundo que satisfizessem seu desejo de realização pessoal, mas que ele só iria descobrir no próprio decorrer da experiência vivida. Para descrever essa função existencial conferida à viagem pelo subgênero, este artigo se apoia na semiótica de Paul Kockelman (2012) e seu conceito de “mapa”, que identifica a centralidade dos valores na construção de sujeitos e mundos sociais: aqui, ele nos ajudará a observar a proximidade entre as obras de Cony e Sabino e estilemas filosóficos do romantismo. Daí, pela confluência entre a *tópica* da viagem e a progressiva autonomização do *self* em curso no Brasil dos anos 1950, ensaiaremos uma hipótese explicativa da importância do subgênero naquele período, sugerindo que a viagem dramatizava a dificuldade de equacionar angústias de agentes jovens, presos na transição entre a obediência a modelos de vida fundados na disciplina e na hierarquia, e a legitimação da construção, pelo sujeito,

do seu próprio modelo de vida – tal era a tensão dramática encenada naquelas obras, à qual chegaremos no momento oportuno.

De saída tratamos da teoria do *self*, identificando o mérito analítico da metáfora da “trajetória” como descrição do seu processo de formação, conforme romanticamente concebido. Daí passamos à tópica da viagem em *O ventre* e *O encontro marcado*, para chegar à hipótese sobre a emergência tardia do *Bildungsroman* no Brasil. Se essa hipótese faz sentido, ela passa a agregar, num conjunto coerente, uma série de obras ainda não reconhecidas pela historiografia do romance brasileiro como pertinentes a uma tradição comum. Ela também indicará como esse conjunto foi a antessala de versões posteriores do *self* no nosso romance, aqui apenas mencionadas, para serem analisadas numa oportunidade futura.

O SELF COMO TRAJETÓRIA

De que maneira a metáfora da “trajetória” descreve a vida como um processo de significação? A vida orientada para a busca de significado, e em si reveladora de significados: no *Bildungsroman*, a formação subjetiva é um processo dilatado no tempo, condicionado por valores, reflexões e afetos emergentes nas relações do indivíduo consigo mesmo e com o ambiente social. Kockelman (2012) nos oferece um vocabulário analiticamente preciso para descrever esse modelo de enredo, ao inscrever a constituição do *self* em processos autorreferenciais de reflexividade e reação – a reflexividade *sobre* e a reação *a* elementos externos ao indivíduo –, que juntas vão formando seus modos de relação com pessoas, objetos e o próprio mundo social.

Reflexividade e reação são motivadas e mediadas por valores, que (co)determinam a seleção das informações que terão interesse para o indivíduo, e o tipo de significado que ele lhes atribuirá. Valores não precisam ser racionalizados ou mesmo identificados pelo indivíduo ao mediar a seleção, interpretação e juízo da informação, processo que, com o tempo, ordena os elementos que dão ao *self* certa identidade. Kockelman (2012) o concebe como um agregado de elementos diversos, continuamente constituído (em sua imanência) e indexado (no que ele comunica e dá a perceber) por três modos de reflexividade: emoções, ações e pertencimento, definidos como processos semióticos relativamente coerentes, envolvendo modos de residência no mundo (papéis, identidades, *status*) e de representação (subjetiva) do mundo. Em suma, o *self* é um conjunto relativamente individualizado de *status*

sociais, estados mentais e substâncias materiais (corpo, vestimenta, objetos pessoais...), a oscilar entre a coerência e a incoerência com sua própria individualização (em diferentes circunstâncias, ele pode ou não confirmar sua individualização, i.e., ele pode ou não “parecer-se consigo mesmo”).

O *self* se autocontextualiza, pois só existe em seus próprios contextos de vida, da maneira como sabe, quer e consegue existir. Ele se auto-ontologiza, pois estabelece referências para sua própria interpretação, por si e por outrem. Sua coerência se manifesta nos elementos que o indexam (i.e., que ele comunica ou oferece à interpretação), que ele mesmo terá incorporado, criado ou complementado; esses mesmos índices determinam a eventual percepção da sua incoerência. A coerência (e os índices de incoerência) também se manifesta nos padrões de reflexividade e reação, que caracterizam sua residência e representação do mundo, envolvendo suas noções de causalidade, sua racionalidade, sua intersubjetividade e seus diálogos consigo mesmo.

Os elementos que o constituem ganham significado na relação com o mundo; a depender do enquadramento dessas relações, elas podem obscurecer ou revelar o *self*, cristalizá-lo ou abri-lo à mudança. Sua reflexividade permeia sua constituição contínua: certa coerência em padrões de reflexividade pode indicar tanto a constituição em curso do *self*, quanto um *self* já relativamente constituído. É assim que, por exemplo, suas expressões de cuidado e interesse (por indivíduos e coisas) revelam seu senso de responsabilidade, e sua maior ou menor propensão a se acomodar em certos modos de vida revela sua coerência reflexiva (na indagação sobre modos apropriados e factíveis de assimilação do mundo, e sobre modos efetivos e eficazes de acomodação a ele). Isso é crucial no *Bildungsroman*: no processo de acomodação, o fracasso pode ser formativo, e a incoerência pode ser reveladora. Aí o *self* sinaliza a extensão da sua agência prática e teórica sobre os processos que lhe constituem: a agência prática envolve o poder de controlar as próprias relações com elementos externos, a agência teórica envolve a capacidade de tematizar e interpretar essas relações. E na relação com o mundo revelam-se e processam-se as relações afetivas do *self*, mediadas por papéis sociais e relações de *status*: suas manifestações afetivas indicam suas posições (voluntárias e involuntárias) quanto a categorias, valores e pressupostos das comunidades em que ele transita. Elas podem ser difíceis de controlar, de compor (na escolha daquilo que devem expressar)

e de suscitar comprometimento, mas tanto a manifestação, quanto a teorização dos afetos podem *revelar* o *self*, além de poderem provocar ou indicar seu florescimento ou fracasso, ou de trazerem repercussões pelas quais ele poderá ser responsabilizado: a depender do contexto de vida e dos indivíduos e coisas envolvidos, manifestações de violência ou ternura, por exemplo, podem indicar estados atuais e futuros de relevo.

A partir desses pressupostos, Kockelman (2012) teoriza a relação entre *self* e valor pelas metáforas do “mapa”, do “terreno” e do “viajante”, conjugando a fisicalidade do espaço aos enquadramentos valorativos do ambiente social pelo *self*. O espaço social é valorado, e por isso um “terreno” envolve ambientes e lugares, mas também *status* sociais, estados mentais e substâncias materiais capazes de constituir identidades. Um “mapa”, por sua vez, configura o terreno em termos de origens, caminhos e destinos diferencialmente sopesados. E o “viajante” imagina um mapa ao caminhar pelo terreno, orientando-se por valores instrumentais e existenciais. Essas metáforas indicam que o tempo e o espaço são categorias associadas: o *self* se forma temporalmente; em sua trajetória, certos eventos serão enquadrados como iniciadores de novas relações entre presente, passado e futuro, dando-lhe significação, história e senso de destinação. É o típico movimento do *Bildungsroman*, em que a formação do *self* revolve *status* sociais, estados mentais e substâncias materiais que um dia integraram, hoje integram, ou passarão a integrar sua história.

Mesmo que nem sempre articulados, valores contextuais, multidimensionais, qualitativos e ontológicos fundamentam e orientam esse processo (KOCKELMAN, 2012). O *self* costuma ter dificuldade de representar para si sua própria residência no mundo em que ele está tão entranhado, mas todo mapa representa o terreno indicando elementos que ele de alguma maneira poderá habitar, incorporar ou deles se apropriar: o terreno é o espaço de mediações entre o eu e outros eus, entre a mente e o mundo social, entre o organismo e o ambiente físico. Daí que o “mapa” expresse a ideação de caminhos possíveis e desejáveis, baseado em pressuposições tácitas e explícitas: o viajante desenha o mapa para se orientar no terreno, enquanto se orienta no terreno pelas indicações do mapa. Fisicamente, o terreno pode ser o sertão infinito de Guimarães Rosa, ou os espaços íntimos de *Ciranda de pedra*. Pouco importa; em maior ou menor medida, ao se movimentar no terreno o *self* muda seus *status* sociais, estados mentais e substâncias materiais, muda as relações e representações que o constituem, seus enquadramentos e pressupostos

interpretativos, os elementos que dão coerência à sua vida, além da sua própria fisicalidade. Cada caminho escolhido revela os valores implicados na escolha. Um mapa projeta valores, permitindo avaliar e comparar caminhos e destinos; ele não é instrumental, mas existencial, e a própria existência do *self* pode ser descrita como uma sucessão contínua de mapas mais ou menos diferentes, que revelam, a cada momento, seu maior ou menor poder em definir sua própria trajetória. Quanto mais ele puder determinar e alcançar seus próprios objetivos, mais poder terá; quanto maior for seu poder sobre ações, objetos e eventos, mais responsabilidade ele terá. Seu poder se manifesta na criação do mapa e na realização da viagem, seu conhecimento se manifesta nas explicações e interpretações do mapa criado e da viagem realizada. Dessa forma, poder e conhecimento substanciam a capacidade de se desviar de caminhos anteriores e guiar caminhos futuros: o *self* pode aceitar um mapa que lhe foi oferecido, misturar mapas variados ou inventar mapas por conta própria, articulando os valores que fundamentarão sua identidade.

Assim Kockelman (2012) nos ajuda a entender porque a viagem foi tão importante para o *Bildungsroman*. Não há definição consensual do subgênero e dos elementos que o compõem, especialmente porque ele mudou ao longo do tempo: a formação de Wilhelm Meister é diferente de Julien Sorel em *O vermelho e o negro*; mudanças ainda maiores viriam em *Bildungsromane* posteriores. Mesmo assim, tem-se como denominador comum que um romance de formação trata da dificuldade de afirmação de um protagonista jovem, lançado a um ambiente social em transformação ou num contexto em que ele simplesmente se sente inadaptado. Em ambos os casos, o saber tradicional é de pouca valia para a orientação intramundana, e o enredo dramatiza a experiência rumo à maturidade sob o pressuposto de que a “juventude é a parte mais significativa da vida [...] sinal de um mundo [moderno] que procura seu significado no futuro, mais do que no passado” (MOISÉS, 2004, p. 56). Como em Hegel, a passagem da juventude à maturidade leva da ingenuidade à consciência-de-si, numa imagem da vida compreendida como “atividade”; como em Fichte, a vida se afirma na reação à heteronomia, a condições preexistentes ao *self* e contrapostas à sua vontade de afirmação (SAFRANSKI, 2012). Nada garante sucesso: toda formação pode fracassar, levando à anomia e à infelicidade; no vocabulário de Kockelman (2012), um viajante pode elaborar um bom mapa, pode elaborar um mapa ruim ou pode sequer chegar a elaborar mapa algum, ficando preso à sua condição. Em todo caso,

o *Bildungsroman* encena o jogo entre reflexividade e reação implicado na relação entre viajante e terreno; referindo-se à obra de Goethe, Lukács (2000, p. 141) via no subgênero

[...] um caminho intermediário entre o exclusivo orientar-se pela ação do idealismo abstrato e a ação puramente interna, feita contemplação, do Romantismo. A humanidade, como escopo fundamental desse tipo de configuração, requer um equilíbrio entre atividade e contemplação, entre vontade de intervir no mundo e a capacidade receptiva em relação a ele. Chamou-se essa forma de romance de educação.

Lukács indica a tensão típica do *Bildungsroman* entre a reflexividade e a agência. A inadaptação ao mundo de origem impele à retração no eu, mas isso nada resolve, e algo deverá ser feito para apaziguar a angústia. O imperativo do enfrentamento explica o apreço do subgênero pela viagem como elemento estruturante do enredo: ela permite afastar o protagonista do núcleo original de conflito, expondo-o a opções de vida que fertilizarão sua imaginação de mapas alternativos, enquanto a duração dela lhe proporciona o tempo necessário para amadurecer seu autoconhecimento. Em Goethe, ao romper com as expectativas “burguesas” da família, o jovem Wilhelm giraria pela Alemanha com um grupo de teatro: sua reflexividade o impelira a desenhar para si um novo mapa, motivado por valores existenciais; ele rejeitara o mapa que lhe fora oferecido, mas inicialmente não sabia imaginar um apto a atender a impulsos íntimos que ele sequer sabia interpretar; carente do autoconhecimento que apenas a experiência poderia fornecer, ele parte em viagem. A decisão instaura um crivo no tempo: tendo colocado sua vida em perspectiva, Wilhelm rompe com o passado e se lança a um futuro desconhecido. Assim como José Severo em *O ventre* e Eduardo Marciano em *O encontro marcado* – o primeiro abandona a família no Rio de Janeiro e viaja solitariamente pelo país, o segundo se muda de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro –, mas para ambos o ponto de chegada é menos importante do que a iniciativa do deslocamento: a “formação” se iniciava no escape da origem, e se adensava na autorreflexividade motivada pela experiência do afastamento. Nos termos de Kockelman (2012), tal movimento altera o *status* e a mente do *self*, suas relações pessoais, suas representações do mundo e suas interações com noções e valores compartilhados; assim explicada, entende-se a viagem como uma tópica do romantismo:

[Personagens românticas] não estavam interessadas [...] no conhecimento ou no avanço da ciência, [...] no poder político [ou] na felicidade, [nem] em se

adaptar à vida, em encontrar seu lugar na sociedade, em viver em paz com seu governo, até mesmo em lealdade a seu rei ou a sua república. [O] bom-senso, a moderação, estava muito longe de seus pensamentos. [Elas] acreditavam na necessidade de lutar por suas crenças até o último alento de seu ser, [e] acreditavam no valor do martírio como tal – martírio pelo quê, isso não importava. [Elas] acreditavam que as minorias eram mais santas do que as majorias, que o fracasso era mais nobre do que o sucesso, o qual tinha algo de inferior e vulgar (BERLIN, 2015, p. 33).

Fracasso, incoerência, necessidade da autoafirmação contra uma sociedade hostil ou medíocre: em que pese as diferenças entre um e outro momento (as quais ficarão claras ao final deste artigo), versões românticas do *self* ressurgiriam no romance brasileiro dos anos 1950. Por que isso aconteceu? Antes de tratar da pergunta, passemos pelos *Bildungsromane* de Cony e Sabino.

DUAS OBRAS DOS ANOS 1950

*O Ventre é narrado homodiegeticamente, em primeira pessoa, pelo protagonista. José Severo é filho bastardo da mãe e vive ofuscado pelo irmão mais novo, um bajulado “gênio” da matemática. Acompanhamos sua inadaptação à vida familiar, suas dificuldades de inserção social, seu interesse juvenil por Helena, que se tornaria sua cunhada, e a tragédia do suicídio do irmão. O tom da narração é melancólico e pessimista, apesar de tratar o comportamento do protagonista com certa ironia bem-humorada; o desfecho não é feliz, mas sugere certa acomodação resignada à vida. Por sua vez, *O encontro marcado* é narrado heterodiegeticamente pelo protagonista maduro, que visita o passado como foco narrativo em terceira pessoa. O tom melancólico também prevalece, pois a vida de Eduardo, jovem que cogitava tornar-se escritor, é marcada por perdas e desencontros: um amigo se suicida, o pai morre longe, o filho morre na gestação, o casamento fracassa, amigos se afastam. O desfecho é mais otimista, com o vislumbre do fortalecimento do protagonista no reencontro consigo mesmo.*

As duas obras narram trajetórias iniciadas no conflito com expectativas pré-concebidas, orientadas pela busca de significado na vida e marcadas pelo senso de absurdo, desembocando na exaustão dos mapas escolhidos e impondo, ao final, a idealização de novos mapas para a reconciliação com o mundo. O enredo mostra o movimento incerto do *self*, que busca se livrar de imposições e leis sociais, mas tem um autoconhecimento inicialmente pobre demais para indicar-lhe um

caminho produtivo pelo terreno. Apesar de sugerirem que um nível superior de autoconhecimento fora alcançado pela experiência vivida, os desfechos permanecem indeterminados, reforçando apenas a necessidade de acomodação futura.

Ao contrário de José Severo, o protagonista de Sabino não é preterido, mas superprotegido na família – e isso desperta sua rebeldia (lembramos que *Rebelde sem causa*, de Nicholas Ray, é de 1955). De maneiras diferentes, ambos rejeitam o ambiente familiar e buscariam se afastar do lugar de origem, mesmo que para José Severo isso não viesse inicialmente como escolha: os pais o matriculam num colégio interno, imposição que reforça seu senso de exclusão (“ao me deparar com o pai, parecia que ele adivinhara: ‘Vamos ver se você toma jeito! Se o internato não o corrigir, o que podemos fazer é largá-lo, mandá-lo para a rua’” (CONY, 1998, p. 20). Em tempo ele descobriria que o pai era adotivo, mas o confronto repercutiria na mente da criança, estimulando sua repulsa pela vida familiar da idade adulta. Quanto a Eduardo, seu primeiro afastamento também viria na infância, quando ele cava uma brecha na proteção dos pais e viaja ao Rio de Janeiro sozinho. Por imposição ou rebeldia, nos dois casos a primeira viagem não implica o abandono da família, mas dá um primeiro vislumbre do mundo fora dela: os protagonistas retornam com outras referências; já nas primeiras férias do internato, a relação de José é mais distanciada: “Em casa finalmente. Dois meses sem ver os meus, um ano sem vir a nossa casa. [...] É recebido secamente pela mãe, evita o pai, as coisas mudaram desde quando saiu, o que era ruim, parece pior” (CONY, 1998, p. 28). Ele percebe a mudança em sua relação com tudo que remetia à infância, incluindo o amigo mais próximo: “ouvi, mas fingi que não ouvi. Julinho era agora um estranho, não abriria minhas janelas para ele” (p. 33). Eduardo recebe outro tratamento: ao buscar o filho no Rio de Janeiro, o pai repreende-o com preocupação (“Você precisa estudar. Ser alguma coisa na vida” – SABINO, 2008, p. 28), enquanto a mãe está em prantos (“Meu filho! Fazer uma coisa dessas com sua mãe” – p. 28). Eduardo é cobrado a se enquadrar, enquanto na família de José tal expectativa recaía sobre o irmão, e ele era deixado de lado. Ambos queriam fugir, mesmo sem saber o que buscariam encontrar. Numa época em que a adolescência se encerrava bruscamente na passagem à vida adulta, as expectativas de futuro incluíam um conjunto de elementos estabelecidos: casamento, emprego, a estabilidade da vida mediana. E é justamente esse o mapa que eles rejeitariam: Eduardo preferia o serviço militar (quando

um amigo o insta a pedir dispensa, ele responde “prefiro ir. Já não aguento esta vida aqui” (p. 136); José Severo prefere retornar ao colégio interno, que lhe fora penoso no início, mas se convertera em refúgio:

Voltei ao colégio no dia seguinte. Não suportei viver naquela casa. Junto do pai, que se arrastava, fantasma pelos cantos, sujo, desgrenhado, louco. Nem do irmão, escondendo o que sentia no imponderável de suas bochechas rosadas, à medida que crescia, a cara dele também crescia, alheia, indecente, banhuda (CONY, 1998, p. 65).

Mas para ambos o desenho de mapas alternativos demoraria a acontecer. A segunda viagem de Eduardo ao Rio viria no começo da vida adulta, quando ele vai ao encontro de Antonieta. Sem dinheiro, ele pede um adiantamento ao chefe: “Quero que me arranje um passe. Preciso ir ao Rio, de qualquer maneira’. Sua vida se iniciava naquele instante” (SABINO, 2008, p. 94). O comentário do narrador indicava a inflexão na trajetória do personagem, com a aceleração tumultuada do seu autoconhecimento; viajar era encontrar Antonieta, mas também era fugir do ambiente que o sufocava. A viagem seria uma reinvenção: como é comum no *Bildungsroman*, a reação – a rejeição emocional do ambiente de origem – antecedia a reflexividade – a racionalização, que só viria durante o trajeto pelo terreno.

Em suma, a reação ao mapa recebido motivava os protagonistas a buscar alternativas, mesmo que eles, como Meister, não soubessem o que procuravam. Apenas a passagem do tempo produziria diferença: anos mais tarde, ao visitar a casa dos pais, agora habitada pelo irmão e a esposa, José Severo criticaria o cenário frio e estático da infância: “A família toda, ar dominical, roupas vincadas, parecíamos mortos. Sentada, sempre com o irmão ao colo, a mãe. Ao lado, em pé, o pai, desta vez segurando um chapéu de feltro que ele por sinal pouco usava” (CONY, 1998, p. 112). O irmão e a esposa “[e]ram sólidos na vida, a burguesia amanteigada. Queriam me contagiar” (p. 113): o comentário evidenciava a distância estabelecida daquele modelo de vida, mesmo que ele identificasse em si uma fraqueza e lassidão que contrastavam com a solidez e confiabilidade do irmão. É o problema moral enfrentado pelo protagonista de Cony, que não queria se adaptar àquela versão da normalidade, mas que viajava de maneira errante, sem formular um modelo alternativo. É diferente do mapa de Eduardo, que não negava radicalmente o modelo recebido: ele tenta, afinal, estabelecer-se no Rio de Janeiro, casado e empregado numa repartição pública. Mas não se sustenta na vida “amanteigada”; de

fracasso em fracasso, após uma série de desencontros, ele é confrontado com a necessidade de redefinição radical do próprio mapa – o “encontro marcado” consigo mesmo –, mesmo que continue sem saber para onde ir: seu aprendizado lhe orientara a buscar acomodação, mas ele era incapaz de imaginar um mapa diferente daqueles que já conhecia.

Esse é um ponto a ser frisado, pois ele fundamentará nosso argumento subsequente: nas obras analisadas, a viagem dramatizava a rejeição dos mapas recebidos, sem a ideação de mapas alternativos. O mapa de José Severo seria marcado pela errância; ao ser expulso do colégio e obrigado a voltar à casa dos pais, a única coisa que lhe ocorre é roubar dinheiro e viajar novamente:

Na rua, eu me senti livre, embora fosse apenas um rapaz com duas malas, algum dinheiro no bolso e vontade nenhuma de fazer aquilo que o padrinho pretendia de mim: subir. Tomei um táxi, rumei para o aeroporto, bati os guichês, os aviões lotados, apenas um, para Recife, com escala em Maceió, tinha vaga até lá.

– Onde é Maceió? – perguntei.

O homem do guichê não respondeu, pensou que era brincadeira, mas não era. Sempre fui ruim em geografia, sabia mal e porcamente as capitais, assim a frio precisava investigar, mexer mais e fundo na memória. Adotara um processo dispendioso, começando pelo Norte e acabando no Sul (CONY, 1998, p. 93).

Ele não conhece Maceió, mas vai até lá. O pai morre e ele retorna ao Rio, mas logo se atormenta e quer viajar novamente – para onde? Nenhum lugar específico: “Pensei em voltar para o Norte. Seria também o retorno a outro tipo de prisão [...] Ir para o Sul pareceria dor-de-corno. As soluções contrárias são sempre dor-de-corno. Ou tudo ou nada [...] Restava ficar. Mas seria ridículo” (CONY, 1998, p. 107). Sem saber aonde ir, ele vai a todos os lugares: “Não tomei resolução. Tomei um trem para Belo Horizonte. [...] São Paulo. Campinas. Curitiba. Novamente Belo Horizonte. Cuiabá. Campo Grande. Londrina. Regresso a Curitiba. Dirigi ônibus e caminhões. Vareei estradas e sertões” (CONY, 1998, p. 108). Seu mapa não é um caminho de um ponto a outro, mas uma sucessão de caminhos sem ponto de chegada. Ele não cria raízes, não toma resoluções, alimentando-se do deslocamento constante. Importa apenas manter-se longe da origem, mas a vida o conduz de volta ao Rio de Janeiro – aonde ele chega, porém, transformado, ainda em conflito com aquele mundo, mas mais resiliente e estável; alguma afirmação pessoal ocorrera durante o percurso, portanto.

Note-se a diferença da função do espaço nessas obras e no *Bildungsroman* europeu do século XIX, que tendia a situar a ação na cidade

grande: “Na evolução do *Bildungsroman* a estrada desaparece passo a passo e o primeiro plano é ocupado pelas grandes capitais [...] a cidade grande é de fato um outro mundo, se comparada ao resto do país” (MORETTI, 2003, p. 75). Era a cidade populosa da revolução industrial, ela mesma um ambiente em formação, onde “os heróis do *Bildungsroman* se transformam da noite para o dia de ‘filhos’ em ‘jovens’: seus laços afetivos não são mais verticais (entre gerações sucessivas), mas horizontais, dentro da mesma geração” (p. 76). Nas obras aqui analisadas, no entanto, os “filhos” não se tornariam “jovens” pela experiência das forças estruturantes dos lugares para onde iriam, mas sim através de processos de transformação interna: as reações aos lugares, ou seja, as reações de Eduardo ao Rio de Janeiro e de José Severo àquelas tantas cidades, não são decisivas para seus processos de formação. Pouco importa se o personagem partia da província para a capital (como Eduardo, vindo de uma Belo Horizonte de pouco mais de 300 mil habitantes), ou da capital para a província (como José Severo): a transformação de status, papéis sociais, estados mentais, relações pessoais e padrões interpretativos seria determinada pela agência teórica e prática do personagem ao desenhar o próprio mapa, e não pela pressão de forças confrontadas nos lugares por onde viesse a transitar – essa era uma diferença importante entre as trajetórias de Eduardo Marciano e Julien Sorel ou Frédéric Moreau, que, em *O vermelho e o negro* e *A educação sentimental*, respectivamente, também saíam de uma cidade menor para um grande centro, ocasionalmente retornando ao lugar de origem.

A exceção cabe à cidade pequena e à paisagem rural, que, ecoando um *topos* romântico, pontuam momentos de inflexão nas trajetórias dos protagonistas. Para proteger Helena, sua cunhada que engravidara no adultério, Severo a leva a uma propriedade em Desengano, no interior do Rio de Janeiro. O plano era se fixar ali, e o lugar lhe desperta uns raros pensamentos positivos:

Escolhi Desengano por dois motivos: o rio era soberbo ali, cortava o vale em duas curvas caprichadas, formando arquipélagos de pedras que brilhavam, boas, abençoadas ao sol. E mais: o encanto do vale em si, parecia um gramado, com um capim rasteiro que cobria o terreno plano até esbarrar com a Mantiqueira, montanhaça emburrada, cheia de si (CONY, 1998, p. 150).

O ambiente idílico desperta em Severo seus melhores sentimentos, permitindo amadurecer sua relação com Helena – que ele desejara desde a infância, e que agora, esposa do irmão e grávida de outro, torna-se sua amante. É um momento breve, mas suficiente para fazê-lo contemplar o

que passara até então, e por isso a passagem pelo lugar estabelece um crivo na sua trajetória:

Eu olhava o vale adormecido. Na escuridão, os olhos projetaram, em silêncio, cenas de minha infância, cenas de tudo, nem sonhos nem esperança – e, entretanto, eu chegara ali.

No peito, sentia o calor das mãos de Helena. O passado adquiria então uma significação nova, inesperada (CONY, 1998, p. 163).

É um momento em que o acaso incide sobre o mapa seguido, motivando, inesperadamente, a imaginação de outro mapa. Entre tantas andanças pelo país, é numa pequena propriedade rural que Severo inicia uma interpretação da própria trajetória que, afinal, lhe permitiria imaginar uma conciliação possível com o mundo social; de volta ao Rio, ele assume a separação da cunhada: “O que não dissemos, mesmo porque se tornava desnecessário, era que nós também havíamos acabado” (CONY, 1998, p. 170). Quanto a *O encontro marcado*, tal associação entre o retorno à origem e a passagem pelo interior ocorre na ida de Eduardo à província, após o enterro do pai: “não foi diretamente para o Rio – à última hora resolveu passar dois dias em Ouro Preto. Precisava descansar, pensar um pouco, meditar em sua vida, ver que rumo tomar” (SABINO, 2008, p. 176). A passagem é curta e sem grande repercussão no enredo, mas lhe ensejaria certa reflexão e reestabelecimento emocional.

As passagens pelo interior mostram que as trajetórias são pontuadas por pausas e retornos à origem, por vontade própria ou imposição dos acontecimentos. É como o padrão de enredo que Christopher Booker (2010) chama de “viagem e retorno”, a estruturar estórias de personagens que abandonam (voluntariamente ou não) o ambiente familiar, iniciando uma jornada difícil que provoca neles algum tipo de transformação, fazendo com que retornem transformados ao ponto de partida. Booker cita *Peter Pan* e *Robison Crusoe* como exemplos, mas vários romances de formação se incluem nesse padrão, mesmo que em suas “versões negativas” [*dark versions*]:

Três aspectos em particular caracterizam essas viagens [*dark voyage and return*]. Em cada caso, seu herói [...] é quase totalmente egocêntrico, preso em sua própria consciência limitada e falta de sentimento. Em cada caso, quando confrontado com o desafio do “outro mundo”, isso só aumenta seu isolamento, na medida em que ele não pode se comunicar adequadamente ou estabelecer

um relacionamento com qualquer uma das pessoas que ele encontra lá (BOOKER, 2010, [l. 8674, no *Kindle*], tradução nossa).³

São personagens centrados no próprio eu, com dificuldades de criar laços com quem os cerca. Eduardo se distancia dos pais, trai a esposa, trai um amigo, vê passivamente pessoas entrarem e saírem da sua vida, até sentir o peso das suas escolhas no breve retorno a Belo Horizonte – sem conseguir mudar seu modo de agir, porém. De forma semelhante, ao viajar pelo Brasil José Severo se isola ainda mais: Yara se apaixona por ele, mas não é correspondida; ele é incapaz de se estabilizar em qualquer relacionamento. A falta de sentido é constante; no enterro do pai, a reação de Eduardo ecoa o Meursault de *O estrangeiro*, de Albert Camus:

[...] o velho Marciano morto, nunca pensara nisso, ele não parecia que um dia iria morrer. Isso alterava fundamentalmente a sua vida? Ou não lhe traria sequer a mais ligeira modificação no modo de ser e encarar as coisas – sempre fora, era assim, sempre seria, ele vivendo, a morte do pai já em sua vida incorporada. [...] Que sentido tinham as coisas? Nenhum, nenhum, se dizia, sentindo finalmente seus olhos se encherem de lágrimas (SABINO, 2008, p. 171).

Ainda menos comovido com a morte do pai ficaria José Severo, àquela altura ciente de que não era filho biológico dele: “Acabara de existir o ódio na minha vida e na dele. Morrera a única pessoa que me detestara com razão e a quem eu podia e devia detestar” (CONY, 1998, p. 106). Mas o rancor não impede a reflexão: “a vida não melhoraria com isso: morto o ódio que não entendia, sobrava lugar para o amor que precisaria compreender” (p. 106). A reflexividade é, pois, o motor do amadurecimento e da possível conciliação consigo e com o mundo. Em *O encontro marcado*, o retorno a Belo Horizonte para o enterro do pai ocorre durante a separação de Eduardo e Antonieta: a viagem demarca uma inflexão na trajetória que fugira do seu controle; os acontecimentos se precipitam, e ele se vê assolado pela mudança. Tenta recriar laços com a cidade de que tanto quisera se afastar, mas a cada encontro percebe que ele e o lugar haviam mudado: “Encontrou a cidade diferente, mudada. Agitação pelas ruas, prédios novos, gente andando para lá e para cá, como se realmente tivesse urgência de ir a qualquer parte. Os elevadores

³ “Three features in particular characterise all these examples of the dark Voyage and return. In each case their hero [...] is almost wholly egocentric, trapped in his own limited awareness and lack of feeling for other people. In each case, when confronted by the challenge of the “other world,” this only heightens his isolation, in that he cannot properly communicate or establish a relationship with any of the people he meets there.”

funcionavam todo o tempo” (SABINO, 2008, p. 237) O passado era irrecuperável, a transformação da cidade espelhava e evidenciava sua transformação íntima. Não havia reintegração possível; ele visita amigos, vai à antiga escola, mas permanece melancólico:

O prédio, assim fechado, pareceu-lhe triste e envelhecido – não havia alunos, estavam em férias. Havia um poste de iluminação à entrada principal, o globo não fora quebrado. Agachou-se, apanhou uma pedra e atirou-a. Errou o alvo e fô-se embora, envergonhado, temendo que alguém tivesse visto [...] Saiu da cidade como de um cemitério (SABINO, 2008, p. 242).

Viagens e retornos são momentos de embate e reflexão, portanto, explicitando a busca de conciliação, mas sem efeitos imediatos. Em Cony a viagem não visara um ponto de chegada, sendo em si a manifestação da busca; em Sabino ela visara uma acomodação que o protagonista não estava pronto para concretizar. Os mapas eram modificados à medida que os viajantes percorriam o terreno; eles eram improvisados no decorrer da viagem, pela inquietação dos viajantes:

E eu? Onde eu ficara naquilo tudo? Tinha a impressão de que estava oco por dentro. Alguma coisa minha – ou tudo – havia ficado em algum lugar. Eu precisava reencontrar esse tudo ou pelo menos essa alguma coisa. Mas isso seria a volta e eu não queria voltar. Preferia o roteiro que me prendia à vida, que me amarrava e me justificava (CONY, 1998, p. 94).

Nas duas obras o enredo dramatiza, pois, o próprio processo de elaboração e reelaboração do mapa existencial do protagonista, encerrando-se no limiar de uma transição anunciada. A busca tumultuada pela imaginação de um mapa desejável e realizável é a principal motivação do personagem, mas não chegamos a saber que mapa será esse. Perto do final do enredo, Eduardo está sozinho e sem perspectivas; sua busca não lhe trouxe felicidade, e ele se vê compelido a uma nova viagem:

– Eu vou fazer uma viagem – comunicou de súbito. O outro se espantou:
– Viagem? Para onde?
– Tentar a vida noutro lugar.

[...]

Naquele mesmo dia arrumou suas coisas na mala, pagou a conta e deixou o hotel. Sentia-se mesmo como na iminência de uma longa viagem – tomou um táxi para o centro (SABINO, 2008, p. 284).

Inquieto, ele intui que não haveria pacificação sem movimentos e vai ao encontro de Mauro, amigo que se tornara monge e vivia num

monastério: “Vim por um ou dois dias. Depois... Calou-se. Não tinha importância também o que lhe aconteceria depois” (SABINO, 2008, p. 284). Assim termina *O encontro marcado*, na iminência de outra viagem; era o único tipo de mapa que Eduardo sabia imaginar para si. Agora ele se autoconhecia melhor, mas sua busca não se completara. Que novidade tal enredo representava na história do romance brasileiro?

O SELF NO SEGUNDO PÓS-GUERRA: LEGITIMAÇÃO DA AUTONOMIA

Nas obras de Cony e Sabino, o *self* se constitui em processos de reflexividade, em que exame, ação e observação autorreferencial do mundo mudam as relações com pessoas, lugares e *status* sociais. O conflito se inicia na reação do *self* a contextos cuja força o protagonista é incapaz de contrapor; daí, os lugares por onde ele transita não terão tanta força para impor-lhe reações, mas processos de reflexividade determinarão sua formação. Os valores a motivar e mediar essa formação não estarão claros para o *self* em formação, que inicialmente racionaliza mal sobre os elementos e processos a formar sua identidade: ela se compõe e se manifesta em padrões emocionais obscuros, em ações intempestivas, na dificuldade de pertencimento social. É uma coerência demarcada pela constância da instabilidade, que afinal se torna insustentável, impondo a busca de outra coerência que possa ensejar um modo feliz de residência no mundo. Tal acomodação talvez viesse após um desfecho que mostra um *self* renovado em suas representações do próprio lugar no mundo, aberto à mudança, mas ainda ignorante daquilo que o ocupará: os indivíduos, processos e coisas dos quais ele cuidará, os limites externos com os quais ele se pacificará. Ele ainda não sabe qual será seu modo de acomodação, sabe apenas que alguma acomodação será necessária.

Ou seja, a agência prática do personagem não traz grande resultado e sua agência teórica é limitada, pois seu entendimento da própria trajetória é precário. Suas manifestações afetivas não sustentam vínculos duradouros, motivando a vergonha e o sentimento de culpa; ele se sente responsável pelo fracasso das suas relações. Seus valores o levam a rejeitar a vida anterior, mas o mapa elaborado demarca apenas um ponto de partida, sem indicar o ponto de chegada. Ao longo da trajetória, certos acontecimentos demarcam crivos no tempo, indicando o que ficara para trás, sem inaugurar perspectivas de futuro: a trajetória é carregada de passados, sem orientar o futuro. Ainda assim, ela muda o viajante: muda

suas relações e representações, suas interações com valores e noções compartilhadas. Sua flexibilidade é pequena: ele manifesta autonomia ao se distanciar da origem, mas não muda seus próprios padrões de relação com o mundo. É grande, porém, sua responsabilidade pelos resultados do processo; seu comportamento determina tudo que lhe acontece. Em *Cony* o mapa não tem forma definida, compreendendo a pura passagem do tempo: a vida deambulante, sem direção. Em *Sabino* o mapa dirige o personagem a um ideal tradicional de felicidade (o casamento com Antonieta e a rotina no Rio de Janeiro), que não o satisfaz, levando-o a perceber que outro mapa era necessário. Por que é tão difícil elaborar um mapa satisfatório? Em que medida o quadro social contemporâneo ajuda a explicar a escolha desse modelo de enredo? Aqui chegamos à nossa proposta historiográfica.

Pensemos em Franco Moretti (2013) e sua descrição do romance como uma *performance* retórica, que mobiliza afetos do público ao dramatizar questões atuais importantes, revolvendo crenças, pressupostos e valores socialmente compartilhados ao evocar modos possíveis de equalização de conflitos sociais urgentes. Com tal vocação retórica, as pretensões à verdade das obras se revelam em suas valorações dos temas tratados, que indicam suas relações com a vida prática e com a interpretação do mundo social: a retórica “dirige-se ao ‘sentimento’ exatamente porque se preocupa em evocar e disciplinar nossa parte mais puramente social” (p. 18). Favorece sua eficácia o recurso a tópicos e convenções formais entranhadas no imaginário coletivo e, portanto, passíveis de reconhecimento público: isso aumenta o apelo do texto, pois “quanto mais uma formulação retórica se transforma em lugar-comum mais persuasiva será” (p. 18). O recurso a convenções não é, portanto, um traço de conservadorismo artístico, mas um meio para a eficácia da persuasão: nas obras aqui analisadas a tópica da viagem não era mero adereço, pois dava expressão dinâmica, temporal e espacial a um tipo peculiar de crise, que pouco se fizera notar na história anterior do romance brasileiro. Como caracterizar essa crise, situando-a, como sugere Moretti, no quadro social contemporâneo?

O *self* emergiu como problema teórico na primeira modernidade, quando a progressiva libertação das normas sociais que constrangiam as escolhas individuais explicitou a dificuldade de construir modos satisfatórios de vida sem referências normativas de apoio – é o paradoxo dos protagonistas de *Cony* e *Sabino*, que recusavam as normas tradicionais, mas naufragavam na falta de referências alternativas. Frank Furedi

(2019a) identifica nesse conflito um estímulo à imaginação, crucial para quem procura transcender os limites materiais e relacionais da tradição, reivindicando o direito à autodeterminação. Furedi retoma a formulação inicial desse direito em Lutero e sua rejeição da autoridade externa sobre a vida íntima dos cristãos: fundava-se ali um *self* a atuar como sua própria fonte de autoridade, o que colocaria em questão, no limite, a própria ideia de autoridade externa sobre a subjetividade. Mas o *self* libertado é um *self* em crise, pois autonomizar-se da autoridade implicava constituir o eu como nova fonte de autoridade: o eu que rejeita a autoridade é um eu instaurado como autoridade, numa contradição jamais resolvida (FUREDI, 2019b).

Essa contradição levaria ao *self* descentrado da segunda metade do século XX: o *self* que, focado em si mesmo, se depara com a própria fluidez, tornando-se consciente da sua fragilidade (FUREDI, 2019b). À diferença do *self* luterano, que se acreditava capaz de encontrar em si uma relação com a verdade que daria fundamento à sua inserção no mundo, com o romantismo iria se tornar comum a noção de que não cabe ao *self* buscar a verdade em si mesmo, mas buscar a si mesmo enquanto fonte de uma verdade pessoal. É um *self* que falta a si mesmo, alienado de si e dos *selves* ao redor; sem ancoragem, ele se autodiscerne naquilo que o aparta do mundo (FUREDI, 2019a). O desejo de autonomia segue operante, pois ele rejeita a submissão à heteronomia. Mas, ao não prestar contas à ordem social, ele sente a falta de fundação dos próprios padrões de comportamento, emoção e pensamento: como identificar em si mesmo uma autoridade que confira valor moral, fundamento racional e segurança emocional à própria existência? O *self* flutua; isolado do diálogo com outros *selves*, ele pode afundar na incerteza (FUREDI, 2019a). É o sentimento de exaustão da ação em que se veem lançados os protagonistas de Cony e Sabino: a rejeição da heteronomia aumenta a responsabilidade do *self* por si mesmo, mas, sem a ideação de uma vida autônoma e plena de sentido, chega-se à sensação de fracasso – o *self* se exaure no trabalho da sua própria construção.

Falando da França dos anos 1950, Ehrenberg (2010) evoca um cenário comparável à classe média urbana brasileira do mesmo período ao sugerir que, aos poucos, a democratização política estimulava a formação de uma população atomizada, com indivíduos estimulados a julgar por si mesmos a realidade comum, criando seus próprios pontos de referência à margem da tradição moral em seus modos de pensamento e comportamento.

Com a perda de autoridade de instituições tradicionais – como a família e a igreja – sobre o comportamento individual, perdia vigor a dicotomia permitido-proibido, que até então detivera força. Diminuíam o gradiente de poder entre as gerações, estimulando interpretações personalizadas do mundo social. A classe média se expandia, mantendo, porém, sua instabilidade constitutiva: seus jovens tinham segurança material, mas se lançavam a um campo competitivo de realização pessoal (cenário típico do *Bildungsroman*). Modelos tradicionais de inserção social perdiam valor, sem que alternativas se estabelecessem prontamente: *status* familiares e profissionais perdiam autoridade, porém a legitimação da autonomia do eu na elaboração dos seus projetos de vida viria apenas nas décadas seguintes. Em geral, o velho começava a desaparecer, mas o novo não havia surgido: esse seria o quadro prevaletente na juventude urbana de classe média, no ocidente dos anos 1950.

Isso levaria a permanente inquietude do *self*, a imaginar seus próprios limites regulatórios. Em termos relativos, perdia importância a polaridade permitido-proibido, ganhando espaço a distinção possível-impossível: o senso de disciplina e obediência perdia importância na regulação das relações entre indivíduo e sociedade, crescendo em importância a decisão e a iniciativa pessoal. O *self* se prestava menos a obedecer ao que se esperaria que ele devesse fazer, e passava a se perguntar o que queria e podia fazer. Ao invés de ser guiado por forças externas, passava a fundamentar ações, comportamentos e decisões em seus próprios desejos, impulsos e capacidades mentais (EHRENBERG, 2010). Noções de culpa e de erro perdiam espaço, pois o conformismo e a adaptação perdiam valor diante da iniciativa individual. Paradoxalmente, isso aumentaria o senso de inadequação: se não há mais caminhos “certos” a percorrer (o termo perde sentido), a eventual sensação de fracasso não virá da inadequação do *self* a um modelo prévio, mas ao seu próprio ideal de realização – ou pior, à falta de qualquer ideal de realização, pela incapacidade tanto de encontrar sentido no mundo recebido, quanto de formular um mapa alternativo. Ao final, ao carregar o peso da própria autonomia, o *self* pode afundar na falta de energia, vivendo em tumulto interior e em conflito com o ambiente (EHRENBERG, 2010).

Pela tese de Ehrenberg, portanto, é típico de sociedades democratizadas que a mente individual se transforme no centro de uma controvérsia contínua. Numa democracia, um arranjo institucional macroscópico, envolvendo as mídias de comunicação social e as estruturas

de governo, institucionaliza o conflito estimulando a controvérsia, daí permitindo – ou não – que interesses contrários alcancem um compromisso. Essa macroscopia é espelhada na microscopia da mente individual, que responde à cacofonia de opiniões num diálogo consigo mesma e com as pessoas ao redor: temas socialmente em circulação encontram eco na imaginação individual e nas conversas pessoais; conflitos mentais são a contraparte de conflitos sociais, atuando na autocriação contínua do *self* contemporâneo, especialmente ao salientarem a distância entre o permitido e o possível. Da política à vida privada, o conflito seria o termo regulador da vida democrática, fazendo com que o *self* contemporâneo se produza nesse contexto aflitivo: se ele precisa se reconectar consigo, é porque se aparta de si mesmo ao se ver lançado à flutuação dos valores e do discurso. Mas nada garante que alguma reconexão possa acontecer: a flutuação pode prosseguir indefinidamente, e para a pessoa desprovida de guia a tragédia da inadequação é cansar-se de prosseguir, sem alcançar a autorrealização (EHRENBERG, 2010).

Esse quadro explica a interseção entre o existencialismo e o *Bildungsroman* nas obras analisadas neste artigo. De um lado, não surpreende que aquela época tenha motivado uma filosofia que descrevia um sujeito descentrado, movimentando-se em direção ao próprio ser em meio a uma relação conflitiva com o mundo. De outro, não surpreende que o romance dialogasse com essa filosofia ao construir personagens que expressavam conflitos do tempo: Gustavo Corção, Olympio Monat, Lygia Fagundes Telles produziram figuras que, como Eduardo e José Severo, se decompunham e recompunham ao longo do enredo, com a consciência constantemente direcionada “para si” em trajetórias que, no entanto, nunca se completam, “porque aquilo de que perpetuamente escapo é aquilo que sou” (SARTRE, 2007, p. 412). Para Sartre, o sujeito é manifestação da liberdade e não pode deixar de sê-lo; somos livres para tudo, menos para deixar de ser livres – “Ser livre é estar condenado a ser livre” (p. 183). Mas como realizar a liberdade? Ao se verem presos na família, no casamento, no emprego, os protagonistas de Cony e Sabino manifestavam a pulsão pela liberdade, mas não chegavam a um mapa alternativo. O que isso indicava?

Se as proposições de Furedi e Ehrenberg são pertinentes à classe média urbana brasileira dos anos 1950, tem-se que também aqui as orientações institucionais para a regulação do comportamento individual cediam lugar ao direito individual de escolher a própria vida. Disso

deduzimos uma hipótese sobre a importância do *Bildungsroman* no Brasil dos anos 1950 e sobre a representação do *self* no nosso romance a partir dali. De maneiras complementares, até então o trabalho, o matrimônio, as relações entre pais e filhos institucionalizavam certa hierarquia e disciplina nas relações pessoais, mas, nos anos 1950, ao invés de fornecer modelos aos quais se adaptar, a vida começa a se apresentar como um horizonte aberto de possibilidades. E, no entanto, *Perto do coração selvagem*, *Ciranda de pedra*, *O ventre* e *O encontro marcado* mostravam que ainda não se popularizara a noção de que o indivíduo poderia – ou deveria – se autorrealizar como bem entendesse: ainda não eram os anos 1960. Com isso não sugerimos que a autonomia seria efetivamente colocada em prática na década seguinte – pelo contrário, a crença no poder de autocriação do *self* logo levaria à constatação de que nem tudo era possível e permitido (EHRENBERG, 2010) –, mas que, nos anos 1950, sequer essa frustração ocorria: a autonomia era progressivamente legitimada, porém muito pouco parecia possível, e ainda muito era proibido. Pouco parecia possível, pois ainda não havia um repertório acumulado de experimentação, possibilitado pela libertação da tradição, e que, compartilhado nas comunicações sociais, disseminasse sugestões de novas opções de vida. Muito era proibido, pois a tradição continuava operante, ainda que com menos força. Como resultado, a imaginação de alternativas era podada pela continuidade de hábitos, práticas, comportamentos e expectativas, pela própria inércia de instituições que apenas começavam a perder força, num processo cujos resultados macroscópicos demorariam a se manifestar.

Daí que os protagonistas de Sabino e Cony se sentissem tolhidos. Eduardo tenta se estabilizar no casamento, José Severo se frustra por não se estabilizar em relação alguma. Os familiares são importantes até o fim; o universo do trabalho segue definindo o *status* na classe média. O *self* é apenas parcialmente autonomizado da tradição, e não encontra outros *selves* com quem experimentar e compartilhar modos alternativos de vida: as demais pessoas seguem inscritas na tradição. Fugindo da conformidade à norma, o *self* se depara com a norma a cada passo no terreno. Cabe a ele imaginar alternativas que lhe satisfizessem, mas ele se esgota no trabalho da imaginação. Ao final, os protagonistas de Sabino e Cony se sentem cronicamente vazios – exauridos emocionalmente e com dificuldades de interpretar as próprias emoções; pela formulação de Ehrenberg (2010), ao

não conseguirem dar forma simbólica ao sofrimento, eles permanecem prisioneiros do próprio ânimo.

ESPAÇOS DO SELF

Neste artigo acompanhamos representações de um *self* relativamente autonomizado, mas ainda prisioneiro de um quadro imaginativo em dissolução. Propomos que seu permanente deslocamento, pela fuga da disciplina e da hierarquia, é explicado pela dificuldade de imaginar modelos alternativos de vida, especialmente os universalmente legítimos: assim como o modelo tradicional se amparava numa *rationale* universalista – que o justificava como adequado a qualquer um, de acordo com valores reificados –, o ideal seria que um novo modo de vida satisfizesse não somente quem o imaginou, mas qualquer um que se identificasse com ele. Uma vida universalmente meritória, que merecesse ser vivida não apenas por quem a escolheu: no primeiro romantismo, fundava-se tal pretensão na arte e na vida imaginativa, que ofereciam modelos de realização para qualquer *self* que compartilhasse com o sujeito romântico o mesmo tipo de inadaptação à sociedade contemporânea (FUREDI, 2019a). Em contraste, em Sabino e Cony o drama se verticaliza pela falta da ideia de qualquer modelo de vida alternativa generalizável: a trajetória do protagonista segue de sofrimento em sofrimento, sem identificar promessa de redenção em qualquer prática ou relação que ele viesse a conhecer.

Essa crise apareceria em vários romances brasileiros do terceiro quarto do século XX. *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, sugeria a necessidade de negociar com a tradição: no começo dos anos 1970, a protagonista se distanciava de alternativas oferecidas pelas drogas e pela revolução política, em direção a um equilíbrio indefinido. *Engenharia do casamento*, de Esdras do Nascimento, culminava no rompimento do protagonista com a família pequeno-burguesa, sem que ele soubesse que direção tomar. Outras obras culminariam na reabertura do mapa pela ruptura com a origem e o anúncio de uma viagem, sem indicar claramente os termos orientadores da realização futura – como em *Ciranda de pedra* e *Limite branco*, de Caio Fernando Abreu. Em *Avalovara*, Abel transita entre Recife, Paris, São Paulo e o Rio Grande do Sul em busca de autorrealização, para encontrá-la numa sublimação erótica e corpórea que, no entanto, não pode ser rotinizada. Note-se, porém, que aquele mesmo período traria *A paixão segundo G. H.*, em que não havia viagem alguma: ficamos dentro de um apartamento. O protagonista de Cony viajava pelo Brasil sem se

transformar de maneira notável; a de Lispector, sedentária, viveria uma transformação profunda. O que essa diferença sugeria?

Poucos anos após a publicação de *O ventre* e *O encontro marcado*, Lispector publicava um drama vivido na mente de uma protagonista. A trajetória dela também era motivada pela recusa de papéis sociais tradicionais, em direção à autolibertação pela formulação de um mapa alternativo que tinha a arte como modelo, ecoando sua função no romantismo. Mas a recusa do mapa anterior não era apresentada, no enredo, como rejeição de algum enquadramento hierárquico e institucional preciso, mas como rejeição de uma versão inautêntica daquele mesmo *self*. Ou seja, a protagonista rejeitava um mapa que ela mesma escolhera – ou acreditava ter escolhido –, mas que não permitia sua expressão autônoma, em nome de um novo mapa, plenamente autonomizado. A percepção da sua sujeição à heteronomia leva à reação (física, emocional, inicialmente pouco reflexiva) contra a inautenticidade de uma vida até então orientada por valores heterogêneos ao *self*, mesmo que não claramente inscritos em modelos tradicionais de ação, comportamento e expectativa: era uma protagonista já distanciada do quadro hierárquico e disciplinar que dominara as gerações anteriores, e que, ainda assim, sentia-se inautêntica. A autopercepção da própria inautenticidade e autoalheamento inaugura o tumulto mental que a levaria ao vislumbre de uma autenticidade possível, após uma longa tensão emocional e reflexiva. Mas seu corpo não se move do apartamento em que o drama transcorre, e G. H. não interage com ninguém: as instituições não detêm poder; o *self* reage a si mesmo, não à família, ao trabalho, ao compromisso conjugal; ele se autocontextualiza e auto-ontologiza em isolamento. Se desde o início a protagonista se mostrara mais liberta daquelas instituições, e se, além disso, seu conflito não se originara no invólucro social da infância, o enredo não precisa dramatizar a ruptura com uma origem espacialmente delimitada, nem envolver o trânsito por lugares associados a tipos e funções sociais específicos – em suma, o enredo não precisa deslocar a personagem pelo ambiente externo, pois o que de fato interessa para seu amadurecimento não é a experiência social direta, mas a reação e a reflexão sobre a pressão que a sociedade exerce em sua mente. O espaço do apartamento tem grande importância, incluindo a crise gerada pelo trânsito nas dependências da empregada doméstica: o espaço íntimo da residência é, pois, socialmente condicionado. Mas a isso se resume o deslocamento espacial, pois o local de vivência e equacionamento da crise é a mente de uma protagonista

cujo quadro imaginativo não prevê a força normativa das instituições. É por isso que, ao contrário de José Severo e Eduardo Marciano, ao final ela se mostra preparada para exercer sua autonomia no nível máximo de radicalidade, encontrando em si o fundamento das condições para seu florescimento e sua plenitude expressiva. Voltando a Ehrenberg e Furedi, percebe-se que Lispector dramatizava uma vida para a qual as velhas âncoras haviam ficado no passado, franqueando a liberdade imaginativa, sem mitigar, porém, o sofrimento implicado no trabalho da imaginação.

Já em 1962, em *Deus da chuva e da morte* (logo seguido por *Kaos* e *Narciso em tarde cinza*), Jorge Mautner lançava a visão do *self* que, mais tarde, consagraria a obra de João Gilberto Noll: um *self* que não vive um processo de separação da origem, pois não tem origem ou ancoragem alguma, não se inscreve em qualquer lugar social preciso, vivendo o tumulto mental, emocional, existencial de uma vida alheia a orientações normativas. Ao contrário de Cony, Sabino e Lispector, as obras de Mautner e Noll não dramatizavam a tensão entre a inadaptação e a acomodação no mundo. Nada jamais será buscado ou resolvido, o *self* está definitivamente à deriva. Assim o círculo se fecha, pois a deriva radical não comporta a viagem como trajetória entre uma origem delimitada e destinos imaginados, dando lugar ao deslocamento caótico, desprovido de referências que o expliquem ou que sugiram condições para a sua eventual interrupção – para o eventual apaziguamento do *self*.

Nas obras discutidas neste artigo, jovens da classe média urbana viviam as tensões da transição entre um mundo hierárquico e disciplinar que perdia autoridade, e uma autonomização do *self* que emergia como desejo, mas não como possibilidade. Mesmo que a legitimação da autonomia estivesse teoricamente avançada (no existencialismo, por exemplo), o desejo de escape das normas não encontrava respostas na imaginação e na vida prática: a rejeição da norma impelia ao movimento, mas esse movimento, em sua cegueira constitutiva, não levava à autorrealização. O trabalho de buscar em si a própria ancoragem se revelava excessivo: em seu constante deslocamento, o *self* não encontrava nichos sociais que o ajudassem a acomodar seu senso de inadequação, naufragando no cansaço e na impotência. Cansaço e impotência que ainda resultavam de uma expectativa de resolução dos conflitos que, com o tempo, desapareceria do romance brasileiro. *Quarup* ainda traria um deslocamento incessante, *Limite branco* culminaria no anúncio de uma viagem, *Avalovara* misturaria as duas coisas – mas a hierarquia e a disciplina vão perdendo

poder, transformando a expressão da crise subjetiva. A partir de Mautner e Lispector, cada vez mais o mergulho na mente seria a resposta à crise; em João Gilberto Noll, a resposta consagraria a substituição da viagem pela inação, falta de propósito, falta de ancoragem atrelada à noção de que nenhuma ancoragem era possível, ou mesmo desejável.

Num tal enquadramento, o *Bildungsroman* some de cena: que sentido a noção de “formação” poderia preservar? A volubilidade mental desse *self*, em crise de objetivos e desprovido de referências normativas, iria se expressar no deslocamento a esmo: não mais a viagem, mas a deriva. O *self* errante de Noll, marginal e anônimo, sem vínculos pessoais e espaciais, envolvendo-se com pessoas, lugares e coisas provisoriamente, sem criar laços ou deixar rastros, é um *self* de passagem, de origem vaga e rota indefinida, imerso no presente. Não se sabe se ele continua à procura de si mesmo, mas sabe-se que ele nunca se encontrará – numa radicalização final do drama iniciado na geração de Cony e Sabino.

REFERÊNCIAS

- BERLIN, Isaiah. *As raízes do Romantismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- BOOKER, Christopher. *The Seven Basic Plots: Why we Tell Stories*. 19. ed. [Kindle]. New York: Continuum, 2010.
- CONY, Carlos Heitor. *O ventre*. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- EHRENBERG, Alain. *The Weariness of the Self Diagnosing the History of Depression in the Contemporary Age*. Quebec City: McGill-Queen's University Press, 2010.
- FUREDI, Frank. New Forms of Alienation. In: KENNEDY, Angus; PANTON, James (Org.). *From Self to Selfie. A Critique of Contemporary Forms of Alienation*. Londres: Palgrave Macmillan, 2019a.
- FUREDI, Frank. The Emergence of the Self in History. In: KENNEDY, Angus; PANTON, James (Orgs.). *From Self to Selfie. A Critique of Contemporary Forms of Alienation*. Londres: Palgrave Macmillan, 2019b, pp. 13-26.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- KOCKELMAN, Paul. *Agent, Person, Subject, Self: A Theory of Ontology, Interaction, and Infrastructure*. New York: Oxford University Press, 2012.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.

- MASSAUD, Moisés. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu: 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MORETTI, Franco. A alma e a harpia: reflexões sobre as metáforas e os métodos da Historiografia Literária. In: *Signos e estilos da Modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas literárias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 13-56.
- SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 76. ed. São Paulo: Record. 2008.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Romantismo: uma questão alemã*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

Recebido: 8/3/2021

Aceito: 22/6/2021

Publicado: 22/12/2021